

O USO DE ATIVIDADES LÚDICAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: COMO TRABALHAR O CONCEITO DE MASSAS DE AR EM SALA DE AULA

Taynah Garcia Fernandes ¹
Bruna Gabriele de Oliveira Araújo ²
Johnny Édivo do Nascimento Damacena ³

RESUMO

Compreende-se que a utilização de recursos lúdicos pode tornar a aula mais atrativa para os alunos nos diversos níveis de ensino. Sabendo da importância de novos métodos de ensino na Geografia, o presente trabalho propôs uma oficina para explorar a experiência de aplicação de atividades lúdicas para alunos do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Ceará – UECE utilizando a metodologia pesquisa-ação. A atividade foi pensada para ser de fácil confecção e de baixo custo, viabilizando a sua disseminação entre os docentes da área. Os recursos tiveram uma boa aceitação dos discentes da graduação, mostrando que tais recursos podem ser utilizados em sala nos mais diversos níveis de ensino e que cada vez mais propostas como estas devem ser elaboradas e disponibilizadas aos docentes.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Atividades lúdicas, Licenciatura.

INTRODUÇÃO

A Geografia escolar, por diversos fatores assume por parte dos estudantes a fama de ser uma disciplina desinteressante. O modelo tradicional de ensino onde os conteúdos são repassados através de exposição verbal e onde é exigida do aluno uma atitude passiva e receptiva torna a aprendizagem mecânica e dificulta a identificação dos alunos com aquilo que é estudado, o que contribui com esse desinteresse dos discentes.

Nesse contexto, é importante que o professor saiba utilizar-se de outros recursos pedagógicos em sua prática docente a fim de tornar o conteúdo repassado em sala de aula mais atrativo para o aluno, despertando seu interesse na disciplina e contribuindo no processo de ensino-aprendizagem.

Alunos interessados em aprender tornam o trabalho docente mais fácil na medida em que os mesmos sentem-se incluídos nas discussões contribuindo assim, para o andamento das aulas.

¹Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia - ProPGeo da Universidade Estadual do Ceará - UECE, taynah_garcia@hotmail.com;

²Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia - ProPGeo da Universidade Estadual do Ceará - UECE, bgoa.geo@gmail.com;

³Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, (83) 3322.3222 johnnyedivo@hotmail.com;

Reforça-se que o papel do professor na sala de aula, vai além do reprodutor de conteúdos, mas possui significativa importância em tornar os seus discentes seres atuantes e críticos do seu espaço geográfico.

No decorrer dos anos, muitos autores dedicaram-se em analisar de forma mais intrínseca a definição do que seria este espaço, entre eles, podemos citar Milton Santos, que se destacou por escrever e abordar inúmeros temas como: a epistemologia da Geografia, globalização, entre outras temáticas, e tratando-se do espaço, Santos descreve em seu livro: *Por uma Geografia Nova* (1978),

O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida (...) o espaço deve ser considerado um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente (...) o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções. (SANTOS, 1978, p. 122)

Em síntese, o espaço, além de obter uma característica social, possui uma estrutura, no qual, passa por constantes transformações pela sociedade. Conceitos a parte, faz-se útil que os estudantes compreendam o objetivo principal da Geografia enquanto ciência para auxiliar no conhecimento do mundo que se transforma rapidamente.

Possibilidades não faltam para o professor enfrentar os desafios impostos em sala de aula. Precisa-se usar a criatividade e a segurança do docente para realizar um trabalho com eficiência, assim facilitando uma boa formação dos alunos.

A priori faz-se necessário esboçar o embasamento teórico para solidificar o presente trabalho. Sabe-se que o ensino de Geografia no Brasil passou por inúmeras transformações, sendo que a mais expressiva ocorreu com a implantação da reforma Capanema, na qual, foi responsável pela inserção desse ensino no currículo oficial no país, a partir disso houve um aprofundamento nas discussões sobre o assunto, pois, havia a necessidade de uma reestruturação curricular da educação e o ensino de geografia, para torná-la mais similar os conhecimentos aplicáveis a sociedade (CALADO, 2012). Marques (2008, p. 203) complementa:

A reforma Capanema foi responsável pelo ensino de geografia no Brasil, que passou a fazer parte do currículo oficial do ensino primário no país, a partir da Lei Orgânica do Ensino Primário e a Lei Orgânica do Ensino Normal, em 1946. De acordo com as propostas da escola nova, que tinha a função de promover o desenvolvimento geral do aluno, possibilitando adquirir conhecimentos que fossem úteis para a vida em sociedade.

Nesse dever de tornar a sala de aula um ambiente motivador é importante que o professor opte por utilizar diferentes metodologias e materiais didáticos a fim de repassar os conteúdos de maneira lúdica e de fácil compreensão. Ao utilizar os materiais didáticos, o professor deve ter domínio do uso que fará e também ser seletivo na organização da aula (CASTELLAR; VILHENA, 2010).

Para Pissinati e Archela (2007) o papel da geografia em sala de aula, deve ser o de ensinar ao aluno a entender a lógica que influencia na distribuição territorial dos fenômenos. Porém, compreende-se que para a realização de tal processo, necessita-se que o discente tenha compreendido os conceitos e informações pertinentes.

No ensino de Geografia os recursos didáticos, devem ser adaptados à realidade dos alunos. Segundo Brandão e Mello (2013), entende-se como recurso didático um conjunto de materiais que podem ser utilizados para fins pedagógicos, buscando uma melhor mediação no processo de ensino-aprendizagem. As autoras acrescentam que esses materiais podem ser os mais diversos, desde maquete, globo terrestre, giz entre outros, até os considerados imateriais que seriam a voz e as expressões corporais.

Tendo em vista essa busca por metodologias diferenciadas para o ensino, as atividades lúdicas surgem como uma ótima opção para a prática diária do professor. A ludicidade consiste em atividades que visam permitir que os alunos desenvolvam suas habilidades por meio de brincadeiras, jogos e até mesmo através da imaginação. Segundo Lopes (2004):

[...] a essência da ludicidade reside sobretudo nos processos relacionais e interacionais que os Humanos protagonizam entre si, em diferentes situações e em diversos patamares de ocorrência dos seus processos de manifestação, nomeadamente, intra-pessoal, inter-pessoal, intra-grupo, inter-grupo, intra-institucional, interinstitucional e em sociedade e ainda, com ou sem brinquedos e jogos/artefactos lúdicos digitais e analógicos construídos deliberadamente para induzir à manifestação lúdica humana (LOPES, 2004, p. 6).

Vários autores destacaram o quão são importantes às atividades lúdicas para o desenvolvimento das crianças e dos jovens, segundo a autora MALUF:

Estudos e pesquisas têm comprovado a importância das atividades lúdicas, no desenvolvimento das potencialidades humanas das crianças, proporcionando condições adequadas ao seu desenvolvimento físico, motor, emocional, cognitivo e social. Atividade lúdica é toda e qualquer animação que tem como intenção causar prazer e entretenimento a quem pratica. São lúdicas as atividades que propiciam a experiência completa do momento, associando o ato, o pensamento e o sentimento. A criança se expressa, assimila conhecimentos e constrói a sua realidade quanto está praticando

alguma atividade lúdica. Ela também espelha a sua experiência, modificando a realidade de acordo com seus gostos e interesses. (MALUF, 2003, p. 57)

Os métodos lúdicos são considerados uma inovação ou estão apenas atrelados a jogos e brincadeiras. Entretanto, Marques (2012) afirma em seu trabalho que o lúdico é uma necessidade humana, na qual faz parte do seu desenvolvimento. Piaget (1971) complementa ao afirmar que o lúdico faz parte intrinsecamente da vida de uma criança, onde o desenvolvimento da mesma ocorre por meio do lúdico.

Para Almeida (2009, p.01), “o lúdico passou a ser reconhecido como traço essencial de psicofisiologia do comportamento humano. De modo que a definição deixou de ser o simples sinônimo de jogo. As implicações da necessidade lúdica extrapolaram as demarcações do brincar espontâneo”.

Utilizar o lúdico como uma ferramenta é algo bastante atual e importante, como afirma Friedmann (2006):

Pensar em utilizar o brincar como meio educacional é um avanço para a educação, porque tomamos consciência da importância de trazê-lo de volta para dentro da escola e de utilizá-lo como instrumento curricular, descobrindo nele uma fonte de desenvolvimento e aprendizagem (FRIEDMANN, 2006, p.126).

Os jogos e brincadeiras devem ser vistos como uma forma de proporcionar uma educação de qualidade e que de fato seja inclusiva, auxiliando no processo de formação e construção do conhecimento, conforme cita Marques (2012):

Por esse prisma, então, a brincadeira não pode ser vista como um meio de divertimento ou tratada como estratégia simples de motivação ou incentivo nas aulas aplicadas. Ao contrário, a brincadeira deveria ser utilizada nos projetos escolares de forma mais ampla e aprofundada, com objetivos a serem contemplados e com o intuito de favorecer efetivamente o aprendizado de todas as crianças, tenham elas necessidades específicas ou não (MARQUES, 2012, p. 83).

Deve-se ressaltar que os jogos lúdicos devem ser utilizados de maneira dialogada aos conteúdos estudados em sala de aula, é apenas dessa forma que essas atividades são consideradas como um recurso pedagógico. De acordo com Freitas e Salvi (2007):

Os jogos devem ser utilizados como proposta pedagógica somente quando houver possibilidade no planejamento disciplinar e quando puder se constituir num auxílio eficiente ao alcance de um objetivo, dentro dessa programação. Deve-se antecipar na elaboração do programa da disciplina o conhecimento e o procedimento dos jogos específicos e na medida em que estes aparecerem na proposta pedagógica é que devem ser aplicados, e observados em seus

resultados com respeito aos objetivos, a fim de que possam ser mantidos, alterados ou substituídos por outros (FREITAS; SALVI, 2007, p. 8).

Existem muitas vantagens ao se utilizar dos recursos lúdicos, dentre elas pode-se citar o fato dessas atividades promoverem a participação, a reflexão, o trabalho em equipe estimulando a convivência e o respeito entre os alunos, o desenvolvimento do raciocínio lógico, das potencialidades intelectuais dos alunos, dentre outras. Esses recursos podem ser utilizados pelo professor não somente como uma atividade para reforçar o conteúdo estudado mas também como um método avaliativo. Dentro dessa perspectiva, o professor pode ao final de uma aplicação de metodologia lúdica avaliar quais objetivos foram alcançados e verificar se a turma possui um determinado ponto a ser trabalhado posteriormente.

Tendo isto em vista, compreende-se que é necessário que os procedimentos e métodos sejam reavaliados no que tange o ensino de Geografia, para que exista uma ruptura do processo de ensino-aprendizagem associados ao caráter enciclopédico da ciência, buscando inovar propostas didáticas e pedagógicas, compreendendo que os alunos também são agentes sociais e sujeitos em desenvolvimento (JUNIOR; MARTINS; MANCHUR, 2015).

A Geografia por se tratar de uma ciência que estuda o espaço geográfico e todo os seus elementos tanto naturais quanto humanos possui uma grande relação com a vivência do aluno, ou seja, relacionar os conteúdos da Geografia com o contexto no qual o aluno está inserido não é uma tarefa tão complicada. Segundo Callai:

A Geografia, como conteúdo curricular escolar, possibilita a interligação da escola, por meio dos conteúdos curriculares, com a vida, considerando que a aprendizagem escolar pode ser a forma de permitir que a criança se reconheça como sujeito de sua vida, de sua história (CALLAI, 2010, p.26).

Nota-se a importância de estudos como esse, pois é notório que tanto nas escolas de ensino regular quanto nas de ensino especial, poucos são os recursos utilizados para dinamizar e democratizar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Assim, o presente estudo também almeja servir como exemplo aos demais docentes.

METODOLOGIA

A metodologia desse trabalho deu-se a partir de pesquisas bibliográficas e de discussões teóricas sobre a temática em estudo realizadas entre os membros envolvidos nesta

pesquisa, embasada na pesquisa-ação, pois, demonstra-se de suma importância em estudos como este que todos os agentes participem ativamente de todo o processo de aplicação.

No método de pesquisa-ação tem-se como objetivo procedimentos que qualifiquem o trabalho para o âmbito acadêmico, envolvendo todo o respaldo e relevância da pesquisa como cita Tripp:

[...]pesquisa-ação é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática”, e eu acrescentaria que as técnicas de pesquisa devem atender aos critérios comuns a outros tipos de pesquisa acadêmica (isto é, enfrentar a revisão pelos pares quanto a procedimentos, significância, originalidade, validade etc.) (TRIPP, 2005, p.447).

A motivação dessa pesquisa deu-se a partir de discussões e debates referentes a essa temática dentro do grupo de estudo “As Novas Tecnologias e o Ensino de Geografia” vinculado a Universidade Estadual do Ceará – UECE, os membros do grupo se propuseram a elaborar algumas atividades lúdicas para serem aplicadas em turmas do ensino superior e trabalhadas a fim apresentar essas metodologias diferenciadas e divulgar o que tem sido produzido dentro do grupo.

Com o intuito de por em prática as propostas de atividades lúdicas foi aplicada uma oficina para alunos do quinto semestre do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Ceará - UECE com o objetivo de apresentar para futuros docentes algumas propostas metodológicas de ensino.

No que se refere a atividade relacionada ao estudo das massas de ar, inicialmente foi apresentada uma pequena exposição teórica a respeito das principais massas de ar atuantes no Brasil, suas classificações e suas influências em diferentes estações do ano dentro do território nacional.

Figura 1: Explicação da atividade.



Fonte: Autores, 2019.

Figura 2: Distribuição das funções de cada participante.



Fonte: Autores, 2019.

Antes da realização da atividade foi discutido com os alunos a importância da atenção em relação às regras determinando os objetivos a serem alcançados com a atividade. Para a realização da atividade é preciso ter pelo menos duas pessoas, o mapa político do Brasil projetado no quadro, fita adesiva e fichas indicadas com as siglas correspondentes a cada massa de ar como demonstrado na figura 3.

Figura 3: Fichas indicadas com as siglas das massas de ar.



Fonte: Autores, 2019.

Nessa atividade o aluno deve, dentro de um tempo determinado, colar as fichas das massas de ar no local adequado do mapa e indicar como se comportam cada uma das massas de ar dentro do território nacional. O primeiro aluno deverá indicar as massas de ar atuantes no verão e o segundo deverá indicar as massas atuantes no inverno, ganha o aluno que obtiver mais acertos dentro do tempo determinado. Após a realização da atividade, deve-se indicar os acertos e os erros de cada participante a fim de reforçar o conteúdo estudado.

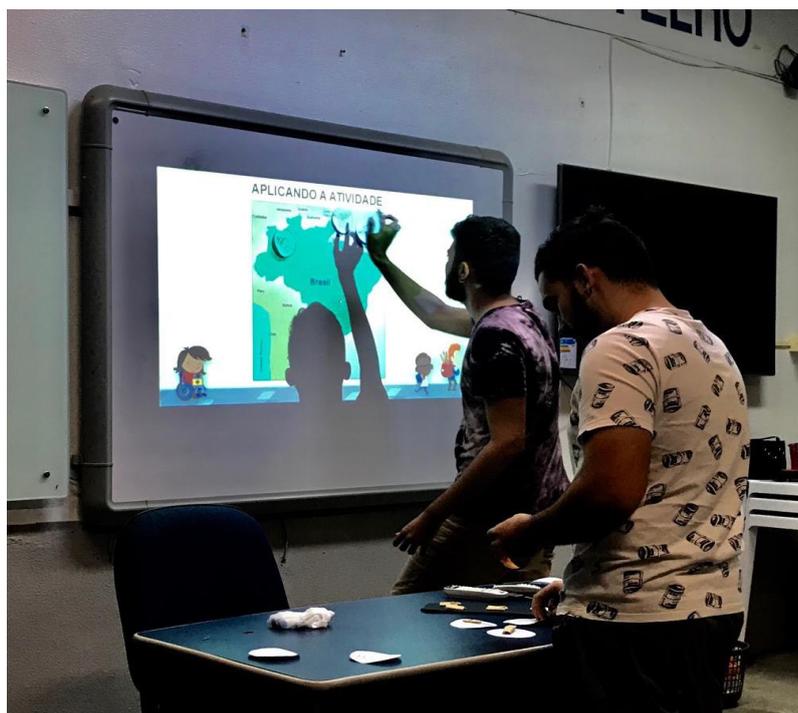
A fim de exemplificar essa atividade tomemos como exemplo a massa de ar tropical continental (mTc). Essa massa tem sua origem na Argentina e atuação somente nos estados que fazem fronteira com o Paraguai e a Argentina, nesse caso o aluno deve colar a ficha mTc na Argentina (área de origem) e indicar os estados de Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (área de atuação).

Figura 4: Aplicação da atividade – Verão.



Fonte: Autores, 2019.

Figura 5: Aplicação da atividade – Inverno.



Fonte: Autores, 2019.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aplicação da oficina para discentes do curso de Geografia teve por objetivo mostrá-los como é possível trabalhar conteúdos da Geografia Escolar em sala de aula de uma forma mais lúdica e de fácil compreensão diferindo de uma aula baseada em uma simples transmissão de conteúdo para uma aula onde o aluno possa aprender na prática o assunto estudado de forma divertida e leve.

Propor esse tipo de atividade para sala de aula torna-se interessante, pois faz com que os alunos participem ativamente da aula, conseqüentemente na medida em que os alunos participam mais das aulas, rompem um pouco a sua inibição e a ideia de que geografia é maçante e restrita aos livros ou ao discurso do professor (KAERCHER, 2007).

Destaca-se que alguns autores afirmam que os professores com formação recentes são mais capazes de compreender e aplicar tais recursos, pois compreendem os alunos como parte do processo de aprendizagem como podemos ver no seguinte trecho:

[...] as práticas de formação de professores mais recentes são as que concebem o ensino como atividade reflexiva, que consideram o aluno como parte do processo de ensino e de aprendizagem. [...] o importante é que o professor pense não apenas em sua formação, mas também no currículo, ensino e metodologia de docência, o que

ocasiona o desenvolvimento da capacidade reflexiva deste profissional sobre seu trabalho (LIBÂNEO, 2001).

Dessa forma, destaca-se que uma formação contínua para os docentes faz-se de extrema importância. Nota-se que por questões de demandas ou históricas muitos dos professores que lecionam a disciplina de geografia nas escolas, algumas vezes possuem seus cursos de graduação em outras áreas, fato esse recorrente, principalmente, nos anos iniciais do ensino fundamental. Esse cenário acarreta uma mecanização do ensino de geografia e conseqüentemente o desinteresse dos alunos.

Porém, precisamos salientar que muito professores possuem carga horária elevada, algumas vezes impossibilitando a elaboração de um planejamento com qualidade ou a realização de cursos e capacitações de aperfeiçoamento.

Outro fato de suma importância, evidenciado pelos discentes foi que com a realização de atividades possibilitou uma “ruptura” dos limites impostos pelos livros didáticos.

Há autores que criticam as metodologias adotadas nos livros didáticos atuais, pois, esses muitas vezes são superficiais e não aproximam a realidade dos alunos. Bachelard (1996), compara os livros do século XX com os livros do século XVIII, ressaltando, justamente esse distanciamento dos conteúdos.

Peguem um livro científico do século XVIII e vejam como está inserido na vida cotidiana. O autor dialoga com o leitor como um conferencista. Adota os interesses e as preocupações naturais. Por exemplo: quer alguém falar de trovão? Começa-se por falar com o leitor sobre o medo do trovão, vai se mostrando que esse medo não tem razão de ser, repete-se mais uma vez que, quando o trovão reboia o perigo já passou, que só o raio pode matar. (BACHELARD, 1996, p. 31).

Observar-se que outra crítica seria que o professor, por muitas vezes, são obrigados a se prenderem ao conteúdo contidos nos livros, assim, dificultando a utilização de outros recursos didáticos, fato esse evidenciado principalmente em escolas do sistema privado, nos quais, algumas vezes limita o professor na realização de atividades diferenciadas.

O professor, enquanto o detentor do poder de decidir qual o livro didático será escolhido, deve compreender que os conteúdos contidos nele, devem se aproximar da realidade vivenciada dos alunos. De acordo com Lajolo (1996, p.4):

O livro do professor precisa interagir com seu leitor-professor não como mercadoria dialoga com seus consumidores, mas como dialogam aliados na construção de um objetivo comum: ambos, professores e livros didáticos, são parceiros em um processo de ensino muito especial, cujo beneficiário final é aluno.

Vale ressaltar que hoje os livros didáticos além de levarem consigo os conteúdos, possuem um caráter econômico, pois as editoras trabalham para que seus livros tenham uma maior aceitação. Segundo Bittencourt (2004), o livro didático seria um objeto que possui várias facetas, pois antes de tudo faz-se como uma mercadoria, um produto da indústria editorial, sendo visto também como um detentor dos conteúdos escolares, nos quais, abrange os conteúdos determinados pelos PCNs.

No que se refere à atividade das massas de ar foi possível observar que a participação dos discentes foi bastante satisfatória na medida em que grande parte da turma manteve-se atenta às explicações e no momento que foi solicitado a participação de alguns voluntários para a aplicação da atividade prática não houveram problemas. Durante a aplicação pôde-se notar que a atividade possui uma boa aplicabilidade, pois prezamos por utilizar materiais de fácil acesso e baixo custo e, também por trazer uma matemática que normalmente não é utilizada de forma lúdica durante as aulas de Geografia despertando a curiosidade dos participantes.

Contudo, ressalta-se que a utilização de recursos alternativos deve ser realizado com cautela, por exemplo, a utilização de imagens, pois, faz-se de suma importância utiliza-las de forma eficiente, tornando-a um recurso de integração e não de exclusão ou alienação. Como explana Impagliazzo (2009, p. 2422):

Pode-se citar a utilização da imagem como recurso didático fornece então uma oportunidade para que, sempre de forma orientada, o educando possa ser estimulado a criar necessidades que o levem a formular suas próprias indagações a respeito das mudanças observadas ou sobre a forma como o espaço está organizado, gerando uma curiosidade pelo lugar, uma vez que esta vem de uma curiosidade natural pelas coisas.

Foi realizado um momento após aplicação para discussão com os alunos sobre opiniões em relação à prática e sugestões para futuras aplicações de outras atividades lúdicas que podem ser aplicadas em aulas de Geografia, podemos notar que grande parte da turma não conhecia esse tipo de recurso didático e muitos afirmaram que utilizariam essa metodologia em sala de aula.

Atividades como a referida auxiliam à explorar talentos, possibilidades, limitações e dificuldades de cada aluno, no qual visa ensinar as diferenças dos alunos, adotando uma pedagogia ativa, dialógica, interativa e integradora (MANTOAN, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É imprescindível que o professor busque novas metodologias e atividades para

serem trabalhadas em sala afim de se adequarem à nova realidade da qual os alunos estão inseridos e para que a aula se torne mais construtiva, dinâmica e eficaz, tornando a aprendizagem mais concreta. A maneira como o conteúdo de geografia é ensinada e como é apreendido pelos alunos é de grande importância.

Dessa forma, entende-se que o professor tem um papel fundamental no processo de significação da disciplina para os alunos, pois, ele deve pensar as formas e métodos de como tornar a disciplina em uma ferramenta para tornar o seu aluno em um sujeito atuante e crítico da sociedade, uma dessas ferramentas seriam os jogos e brincadeiras, como cita Oliveira (2006, p. 20):

[...] nós professores precisamos perceber que o papel da Geografia no processo de democratização da sociedade consiste, principalmente, em desenvolver uma prática não alienante, mas conscientizadora. E o ensino de Geografia pode servir para isso.

Assim, faz-se fundamental o docente despertar em seus alunos o hábito de correlacionar a teoria com a prática, pois, dessa forma, se evidenciará que o aluno conseguiu compreender o seu contexto social, fazendo com que todo o conhecimento adquirido não permaneça apenas na abstração.

Entende-se que é necessário compreender a criança como um ser interativo, imaginativo, ativo e lúdico e descobrir o potencial de desenvolvimento que está por trás das brincadeiras e dos jogos (SOUZA, 2007). Assim, os recursos lúdicos, principalmente, paracrianças e adolescentes são de suma importância.

Vários são os fatores que podem levar os docentes a usarem esses métodos lúdicos, porém, necessita-se cautela, pois muito se atrela esses recursos a diversão e recreação, não os relacionando ao processo de aprendizado. Por isso, os docentes devem ter consigo a ideia de que tais recursos devem ser utilizados para alcançar um objetivo de ensino e aprendizagem, tornando-se assim, em uma metodologia eficiente. De acordo com Junior, Martins e Manchur (2014, p. 10), “é através do brincar que a criança representa a realidade à sua volta, e com isso vai construindo seus próprios valores, ideias e conceitos”.

Com a realização da atividade a importância da utilização dos recursos lúdicos em sala de aula. A prática foi desenvolvida com o objetivo de ser de fácil confecção, utilizando materiais que possam ser reutilizados e de baixo custo, tendo em vista as adversidades da profissão. Atividades como a mencionada no trabalho, quando realizadas em aulas de Geografia, devem almejar, além da compreensão dos alunos, tornando-os sujeitos que possam

“observar, analisar, interpretar e construir seu conhecimento” (LESANN, 2009, p.156).

Cabe também ressaltar a improtância do grupo de estudo “As Novas Tecnologias e o Ensino de Geografia” no âmbito do curso de licenciatura da Universidade Estadual do Ceará. O grupo busca promover momentos de disseminação de conhecimento, novas metodologias de discussões e debates, tendo em vista a deficiência na grade curricular do curso em relação à temática.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. **Ludicidade como instrumento pedagógico**. Cooperativa do Fitness, Belo Horizonte, jan.2009. Seção publicação de trabalhos. Disponível em:<<http://www.cdof.com.br/recrea22.htm>>. Acesso em: 01 ago. de 2019.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 316.

BITTENCOURT, C (org.). **O saber Histórico na Sala de Aula**. São Paulo:Contexto, 2004. p.176.

BRANDÃO, I. de. D. N; MELLO, M. C. de. O. **Recursos didáticos no ensino de geografia: Tematizações e possibilidades de uso nas práticas pedagógicas**. Revista Geografia & Pesquisa, Ourinhos, v. 7, n.2, p. 81-97, 2013.

CALADO, F. M. O ensino de geografia e o uso dos recursos didáticos e tecnológicos. **Revista Geosaberes**, Fortaleza, v. 3, n. 5, p.12-20, jan./jun. 2012.

CALLAI, H. C. **Escola, cotidiano e lugar**. In: BUITONI, Marísia Margarida Santiago. Geografia: Ensino Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

CASTELLAR, S.; VILHENA, J. O uso das diferentes linguagens em sala de aula. In: **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010. p. 65-98.

FREITAS, E. S.; SALVI, R. F. **A ludicidade e a aprendizagem significativa voltada para o ensino de geografia**, 2007.

FRIEDMANN, Adriana. **Brincar no cotidiano da criança**. São Paulo: Moderna, 2006.

IMPAGLIAZZO, M. **Utilização de imagens de satélite como recurso na proposição demudança no ensino de geografia**. Anais XIV Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Natal, p. 2421-2427, 2009.

JUNIOR, L. M.; MARTINS, R. E. M. W.; MANCHUR, J. O uso da oficina pedagógica lúdica no ensino de geografia numa perspectiva inclusiva. In: ENCONTRO DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA DA REGIÃO SUL, 2., 2014, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2014, p. 1-18.

KAERCHER, N. A. Práticas geográficas para ler e pensar o mundo, converentendersar com o outro e entenderscobrir a si mesmo. In: REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A. C.;

KAERCHER, N. A.. (Org.). **Geografia: práticas para o ensino médio**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.

LAJOLO, M. Livro didático: um (quase) manual de usuário. **Revista Em Aberto**, Brasília, v. 16, n. 69, jan./mar. p.1-14, 1996.

LESANN, J. **Geografia no ensino fundamental I**. Belo Horizonte: Argumentum, 2009, p. 180.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. 5º ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LOPES, M. C. **Ludicidade humana: contributos para a busca dos sentidos do humano**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2004.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2003, p. 50.

MARQUES, L. C. Metodologia do lúdico na prática docente para melhoria da aprendizagem na educação inclusiva. **Revista Eixo**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 80-92, 2012.

MALUF, A.C.M. **Brincar Prazer e Aprendizado**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. p.112.

MARQUES, V. Reflexão sobre o ensino de geografia nas séries iniciais do ensino fundamental. **Anais do SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA**, Rio Claro, 2008.

OLIVEIRA, M. M. de. A Geografia Escolar: Reflexões sobre o Processo Didático-Pedagógico do Ensino. **Revista Discente Expressões Geográficas**, Florianópolis, n. 02, p. 10-24, jun. 2006.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança, imitação, jogo, sonho, imagem e representação de jogo**. São Paulo: Znanh, 1971, p. 332.

PISSINATI, M. C.; ARCHELA, R. S. Fundamentos da alfabetização cartográfica no ensino de geografia. **Revista Geografia**, Londrina, v. 16, n. 1, p. 169-193, jan./jun. 2007.

SANTOS, M. **Por Uma Nova Geografia. 6º edição**. São Paulo: EDUSP, 1978. p. 288.

SOUZA, I. L. G. **A formação do professor numa perspectiva lúdico inclusiva: uma realidade possível?** 2007. 190f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2007.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.